

## A videira verdadeira e seus ramos



### Ser ramos vivos

“Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer.” (Jo 15,5)

Meditando este evangelho com as Irmãs do mosteiro de San Giacomo di Veglia durante a quinta semana da Páscoa, percebemos que a imagem da videira, que Jesus faz sua, para exprimir o mistério da nossa comunhão com Ele, implica uma transmissão de vida Dele para nós e de nós para o mundo. Os ramos não estão secos, isto é, estão vivos, se através deles passa a linfa vital, que das raízes e do tronco da videira vai nutrir a uva, que a videira produz como fruto. Um fruto que depois vem transformado em vinho “que alegra o coração do homem” (Sl 103,15), sobretudo quando bebido para saborear a beleza da comunhão fraterna.

Esta imagem nos revela quanto é importante sermos ramos vivos, vivos da vida da videira. É importante para o mundo que espera a alegria do fruto de toda a vida humana, mas é importante sobretudo para Cristo, a "videira verdadeira" da qual o Pai é agricultor (cf. Jo 15,1). É como se da passagem da linfa vital, através dos ramos, dependesse a realização daquilo que Deus é para toda a criação e a realização daquilo que toda a criação é para Deus. A alegria de Deus é o dom da vida. A alegria da criação é a vida de Deus. Mas se os ramos não se deixam atravessar pela vida de Cristo, toda a criação e toda a humanidade, fracassam na sua finalidade e propósito. Até Deus seria mortificado na doação total de si, que faz ao mundo.

Que mistério! A plenitude de Deus e a alegria de Deus, parecem depender de nós, da vitalidade dos ramos. Não é dos ramos que vem a vida: a vida só vem de Deus, do Pai, no Filho, na dádiva do Espírito Santo. Mas dos ramos depende a transmissão da vida.

Os ramos são os primeiros a acolher a vida da videira e só podem transmiti-la na medida em que a acolhem.

Vemos no Evangelho que a tristeza de Cristo, consiste em não poder dar a Sua vida porque a vê rejeitada. Quando Jesus vê o jovem rico ir embora, cheio de tristeza, seu coração também se enche de tristeza, porque vê que um ramo que Ele havia reconhecido como importante para transmitir a sua vida ao mundo, não quer ficar unido à videira verdadeira, libertando-se de todos os seus bens para deixar fluir através de si a vida de Cristo, isto é, aquele amor infinito que Jesus já lhe dava sem medida (cf. Mc 10,21-22).

### **A missão dos ramos**

Quando vemos a situação de aridez, falta de alegria, consolação e sentido em que vive a humanidade, – mas também a aridez e tristeza que muitas vezes habitam nossos corações e nossas comunidades –, entendemos que hoje, mais do que nunca, a grande urgência com que somos chamados a consagrar a nossa vida é de permitir que Cristo nos faça ramos vivos da videira que Ele se tornou, morrendo na Cruz e ressuscitando para a salvação do mundo.

Pode-se ler toda a Regra de São Bento – assim como todos os caminhos de conversão propostos por tantos carismas eclesiais – como um acompanhamento que o Espírito Santo suscitou na Igreja, para nos ajudar a nos tornar ramos vivos da videira de Cristo Redentor. De fato, quando Bento pede como condição para entrar no mosteiro, que hajam homens e mulheres que desejem a vida e a felicidade (cf. RB Prol. 15; SI 33,13), diante de quem diz sim a este chamado universal, não propõe a experiência imediata da satisfação deste desejo, mas um caminho que faz nos tornar pessoas e comunidades cujo fruto é a caridade no serviço ao amor e a alegria dos outros. Sim, se trata da vocação e da missão dos ramos que se realizam transmitindo e levando a todos, o fruto que só Cristo pode produzir: a caridade, a alegria de Deus e da humanidade.

Também o presente de Pentecostes, a primeira vinda em Jerusalém como Pentecostes sempre renovada, de que tanto precisamos, transforma os discípulos em ramos vivos de Cristo. O Espírito Santo, de fato, nos enche da vida de Cristo, faz Cristo viver em nós, como na Virgem Maria.

Se não tivermos esta preocupação fundamental de ser ramos vivos de Cristo, todos os problemas e as dificuldades, em vez de serem ocasiões para viver de fé, esperança e caridade, tornam-se torrentes que nos arrastam cada vez mais para longe da rocha sobre a qual somos chamados a construir a casa da nossa vida e da Igreja, que a acolhe e a torna cristã. Ao invés, se nos preocupamos essencialmente em deixar Cristo viver em nós pela graça do Espírito, descobrimos com surpresa e consolação, que mesmo as circunstâncias mais negativas e cansativas são para Jesus espaços de vida nova, espaços de amor e paz. Se Cristo vive, nada está perdido, nada é em vão. Se Cristo vive em nós, o nosso "eu" não desaba diante de nenhuma ameaça, nem mesmo diante da morte.

O ramo que permanece preso à videira de Cristo permanece vivo e capaz de frutificar, mesmo que a geada do inverno, o calor do verão ou outras calamidades destruam temporariamente todas as folhas e os frutos que produzira. De Cristo, a videira verdadeira, a vida sempre ressurgirá.

## **Aprendendo a ser ramos da videira**

Nas bodas de Caná, por que Jesus opôs-se à sua Mãe, dizendo que ainda não havia chegado sua Hora de dar o vinho novo pela alegria das bodas? O fato que o problema era a falta de vinho nos sugere que João, narrando este episódio, pensava nas palavras em que Jesus se definiu como a "videira verdadeira" durante a Última Ceia. Também no capítulo 15 de João, de fato, Jesus fala do fruto da videira, da alegria perfeita, da morada no amor recíproco, como entre os esposos. Em Caná, para Jesus, ainda não havia chegado o tempo de dar muito fruto, o fruto de sua vida totalmente doada morrendo na Cruz. Talvez Jesus pensasse que enquanto a sua vida desse todo o seu fruto, era necessário esperar que crescessem os ramos da videira, isto é, os seus discípulos, começando pelos apóstolos. Era necessário esperar Pentecostes para que os seus discípulos se tornassem ramos vivos da videira, capazes de transmitir o vinho novo do seu Sangue derramado para dar frutos da Nova Aliança, isto é, da comunhão no amor de Cristo.

Maria, ramo perfeito desde a sua concepção, parece intuir o pensamento de Jesus. Então o que faz? Ensina a nos tornarmos ramos vivos como ela, inseridos na videira, para que Cristo possa dar o fruto da sua Hora pascal. Em Caná, de fato, Maria ensina aos servos das bodas, como ela mesma disse imediatamente sim ao dom e ao dever de ser ramo vivo do dom do Filho de Deus: «Sua mãe disse aos servos: "façam tudo o que Ele vos disse"» (Jo 2,5).

Para ser ramos vivos e fecundos de Cristo, somos chamados a ouvir a sua palavra, uma escuta disponível para que aconteça o que Cristo quer fazer através de nós. Ouvir e servir são as qualidades essenciais dos ramos de Cristo. Jesus quer dar fruto por meio de nós, e o seu fruto é o vinho que regenera a alegria das bodas, a alegria fecunda do amor que Deus nos concede sentir uns pelos outros, para se tornarem sua imagem e semelhança. Este é o fruto da Redenção no sangue de Cristo, na sua vida doada por nós até o fim. Disto Jesus já tinha consciência em Caná, e também Maria quando ensinou aos servos a obedecer à palavra de Jesus, para serem instrumentos do dom da sua vida, ou seja, ser ramos do Senhor morto e ressuscitado por nós.

É com a mesma atitude, a mesma fé que Maria está presente no Cenáculo, na Igreja primitiva, e agora no Céu continua a ser Mãe e Mestre. Com o seu silêncio, sua oração, sua obediência cheia de fé, caridade e esperança, Maria está sempre presente na Igreja e repetindo à Igreja, o seu convite essencial: «façam tudo que Ele vos disser!». Como se nos dissesse: "Permaneçais unidos ao Verbo da vida, permaneçais no seu amor, e a vossa vida dará o fruto do meu Filho, o fruto do Espírito Santo!"

## O fruto da comunhão fraterna

Como o fruto da videira é o vinho da aliança, o fruto de Cristo é a comunhão no seu Sangue, a comunhão de Deus Trindade que nos é concedida viver com Ele e entre nós. Não somos ramos da videira verdadeira, sem dar o fruto da comunhão fraterna. Papa Francisco consagrou a encíclica *Fratelli tutti* a este fruto essencial e universal da Igreja e da nossa vida cristã. É urgente trabalharmos nisto, para nós e para o bem do mundo inteiro.

Para dar este fruto, Deus Pai muitas vezes poda os ramos da videira, do Corpo de Cristo. Tira de nós e de nossas comunidades o que não serve para a comunhão na caridade, o que produz frutos que não são os autênticos frutos de Cristo, a uva selvagem que talvez pareça bonita de ver, mas que na realidade não serve para a alegria do nosso coração e a alegria de Deus. Muitas vezes nos sentimos amargurados nas relações entre nós, porque nelas, e sobretudo em nosso coração se insinuam o desprezo, a crítica, a mentira, a hipocrisia, a desconfiança. Começamos então, a defender nossos julgamentos, nossas atitudes, e isto só aumenta a esterilidade amarga da nossa vida cristã e monástica.

A poda é uma técnica que não discute com o que é estéril, é um corte que deixa cair o que é seco, o que não dá fruto, o que não deixa mais passar a vida, a força vital da videira verdadeira: o amor de Cristo, o Evangelho, a graça do Espírito Santo.

Em toda a Igreja e na Ordem vivemos um tempo de grandes podas. Parece que nos tornamos menores, mais curtos, menos visíveis, menos importantes. A crise mundial que atravessamos acentuou muitas fragilidades entre nós. Na verdade, se permitirmos ser podados pelo Pai com a confiança que Ele nos ama e quer nos tornar vivos na vida do Filho, descobrimos que a poda nos faz bem, nos torna mais felizes e fecundos para o Reino de Deus, mesmo quando aparentemente morremos. Esta é a humildade evangélica à qual São Bento não cessa de nos educar, porque São Bento é um pai que deseja ardentemente que vivamos como filhos de Deus, que damos a vida como Jesus.

Porém, é importante ser cientes de que a comunhão entre nós é a comunhão dos ramos, da única videira verdadeira que é Cristo. Cada ramo é responsável por levar pessoalmente fruto, permanecendo inserido no Senhor, mas não devemos esquecer que o nosso fruto é fruto de Cristo, e que os diversos ramos estão unidos por Ele em transmitir este fruto ao mundo. O fruto é a comunhão de amor que Cristo dá ao mundo, e seria absurdo que os ramos que a transmitem não experimentassem esta comunhão entre si. Quem sabe que fraternidade feliz nasceu naquele dia em Caná entre os servos que souberam e viram, por primeiro, que o trabalho obediente ao Senhor, permitiu um milagre incrível! É a mesma fraternidade feliz que os apóstolos e todos os primeiros cristãos sentiram jorrar entre eles na missão que começaram, logo após Pentecostes.

Temos consciência que estamos juntos para servir o fruto da comunhão fraterna, isto é, o grande milagre realizado pelo amor do Ressuscitado, em dar o Espírito? A fragilidade nunca é objeção, porque o fruto do amor de Cristo é sempre perfeito, mesmo que houvesse apenas dois ou três ramos unidos a Ele para levá-lo, deixá-lo amadurecer e doá-lo ao mundo.

## **Irmãos e irmãs dos pobres**

Recentemente, fiz uma experiência que me interrogou muito. Devido a uma minha distração, perdi um trem para a França e tive que pegá-lo no dia seguinte. Estava com raiva de mim mesmo e triste por causar transtornos à comunidade que visitaria. No trem que peguei, porém, conheci uma jovem mãe africana com sua filha de seis anos. Como tantos outros emigrantes, ela tinha cruzado o Mediterrâneo em um barco de borracha para salvar-se de uma ameaça com sua filha e encontrar tratamento para uma doença. Já haviam passado um mês em um campo de refugiados na Itália. Agora estavam indo para a França, onde tinham um conhecido. Na alfândega, a polícia teve que fazer descer vários clandestinos, todos da África. Cenas dolorosas e por vezes violentas, certamente desagradáveis até para os policiais que têm de cumprir o seu dever, mesmo que seja um problema que deva ser tratado internacionalmente. A mãe e a filha também foram retiradas do trem, mas após verificações, deixaram que voltassem e continuassem a viagem. A criança, extremamente assustada, soluçava e estava com febre. Contaram-me a sua história. Ao nos aproximarmos de Nice, perguntei onde iriam passar a noite. Na verdade, pensavam em continuar a viagem pelo menos até Paris e certamente passariam a noite na estação ou em algum abrigo improvisado. Liguei para a abadessa de Castagniers, que me esperava na estação. Perguntei se conhecia uma possibilidade de estadia em Nice. Respondeu-me que tentaria perguntar, embora já fosse tarde. Mas imediatamente disse: "Caso contrário, as levaremos conosco para a abadia e dormirei conosco". Eu não era muito favorável a esta possibilidade, mas imediatamente compreendi que era porque isto significava comprometer-me ainda mais no acolhimento destas pessoas, que Deus colocou no meu caminho. Compreendi que Jesus, São Bento e o Papa Francisco não nos deixam dúvidas sobre como responder a esta necessidade e que fui chamado a me deixar envolver, como o bom Samaritano. Por isso, fiquei feliz em ouvir da abadessa que não havia outra opção a não ser levá-las conosco para Castagniers. Ali as monjas às acolheram "com toda a humanidade" que São Bento pede (RB 53.9), e da qual as mulheres são especialistas. Para esta comunidade, como para muitas outras na Ordem, o acolhimento dos emigrantes e refugiados não é novidade.

As circunstâncias fizeram com que, após a curta estada no mosteiro, aquela mãe e sua filha continuassem o caminho comigo, e foi providencial porque pude ajudá-las diante de outros graves problemas no tráfego ferroviário, que tivemos que enfrentar. A mãe me repetia: "Foi Deus quem te mandou!" Entendi que isto era verdade. Certamente não porque eu era bom, mas o Senhor que, no amor preferencial que tem pelos pequenos e pelos pobres, me fez instrumento, junto com as Irmãs de Castagniers, do seu cuidado por elas. Deus nos torna verdadeiramente "anjos", isto é, "enviados" da sua caridade, se simplesmente nos deixarmos envolver pela necessidade do próximo. Às vezes, basta um pequeno sim às necessidades dos outros, para ser suficiente para estar completamente envolvidos na providência do Pai, que depois realmente cuida de tudo, até os detalhes.

Este episódio não é novo em nossa experiência. Mas aconteceu comigo em um momento em que sentia particularmente a fadiga que muitos de nós sentimos, ao retomar o caminho neste dramático tempo do mundo e para todos. Fez-me

compreender, mais uma vez, a importância de nos deixarmos ajudar pelos pequenos e pelos pobres, para recuperar a vitalidade da verdadeira videira que é Cristo. Basta um simples gesto de acolher a necessidade do próximo, para que volte a escorrer em nós, ramos da videira, a linfa vital da graça, da caridade, que não só dá frutos de consolação aos que são necessitados, mas que devolve a vida e a alegria ao ramo, a nós.

Assim, estou cada vez mais convencido, que o Espírito Santo deseja devolver a vitalidade a cada um de nós e às nossas comunidades, muitas vezes cansadas e tristes pela sua fragilidade. Todos, na crise que vivemos, devemos nos perguntar: que pobre sou chamado a acolher hoje em minha vida, para que Deus me faça um "anjo" e instrumento de sua ternura, cuidado e caridade? Perceber a necessidade dos outros, que muitas vezes estão ao nosso lado ou à nossa porta, e vivê-la em comunhão com Cristo, como Maria em Caná, torna-nos servos da caridade de Deus que imediatamente realiza uma milagrosa transformação da realidade, restaurando-nos à alegria de viver, de ser amados e de amar. Então descobrimos que os pobres nos dão o dom de doar a nossa vida, de sermos, isto é, ramos vivos de Cristo, que com o Pai, quer dar o Espírito Santo ao mundo.

### **Ajudemo-nos a ser ramos vivos**

Parece-me que o momento presente em que vive o mundo, a Igreja e a nossa Ordem, pede-nos sobretudo uma renovada vontade de ser ramos de Cristo e de nos ajudar nisto. Não estamos juntos na Igreja e em uma vocação particular, para sermos admirados como flores brilhantes ou apreciados como frutos suculentos, mas para sermos ramos ao serviço da fecundidade de Cristo Redentor. Uma fecundidade sempre misteriosa, escondida e surpreendente ao mesmo tempo. O dever dos cristãos, e em particular dos monges e monjas, é muitas vezes humilde e escondido, mas nasce de uma predileção real, de uma preferência de Jesus por nós, de uma amizade que não merecemos, mas que nos é dada. O ramo, de fato, está mais ligado a Cristo, mais unido a ele, que as folhas, flores e frutos da videira. Nos ramos escorre diretamente a vida dada pelo Redentor. Se fôssemos realmente conscientes, quanta gratidão sentiríamos pela nossa vocação e pelo serviço que nos foi pedido!

O Senhor nos uniu, queridos irmãos e irmãs, como os discípulos reunidos no Cenáculo de Jerusalém, para confortar-nos uns aos outros, com a oração e o afeto fraterno, e para viver juntos o apego a Cristo que nos torna ramos vivificados pelo dom do Paráclito. Peçamos à Virgem Maria e aos nossos amigos do Céu o dom de um coração disponível a esta graça e missão!



Ir. Mauro-Giuseppe Lepori  
Abade Geral OCist